

I CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA



ACOLHENDO A DIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA LÍNGUA DE BERÇO EM CORUMBÁ-MS

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

BAYS; Sonia Aparecida Bays¹, JATOBÁ; Elisa de Fatima Nascimento Jatobá², SAMBUGARI; Márcia Regina do Nascimento³

RESUMO

O presente resumo expandido tem por objetivo refletir sobre a prática docente inclusiva em turmas de alfabetização, partindo da defesa de Soares (2020, p. 13) de que “[...] toda criança pode aprender a ler e a escrever”. O interesse na temática se dá pela atuação das autoras como professoras alfabetizadoras na rede municipal de ensino (REME) de Corumbá MS e em Instituição de Ensino Superior (IES) no campo da alfabetização, tendo em comum o desenvolvimento de pesquisa sobre formação e práticas de alfabetização, com interface na educação social.

As escolas da REME-Corumbá recebem todos os anos alunos que são filhos de bolivianos e que possuem nacionalidade brasileira, ou dupla nacionalidade (boliviana e brasileira), pois a nossa cidade faz fronteira com a Bolívia. Segundo Ferreiro e Teruggi, (2013, p. 13), “[...] estamos em uma época de deslocamentos massivos de populações que – por razões políticas ou simplesmente econômicas - tentam viver em países que, no imaginário coletivo, tem a imagem de paraíso”. Essa observação das autoras nos remete à nossa realidade fronteiriça, pois Corumbá faz fronteira com a Bolívia. Muitos pais cruzam a fronteira Brasil/Bolívia diariamente para trazer seus filhos para estudarem nas escolas públicas de nossa cidade, outros possuem residência física no município e moram em Corumbá.

Uma grande parcela dos pais fala o espanhol em suas casas e seus filhos o aprendem como primeira língua. Ao ingressarem em nossas escolas, as crianças se deparam com o Português como a língua falada por todos os colegas e professores e nas turmas de alfabetização e precisam aprender a ler e escrever. As autoras Ferreiro e Teruggi, (2013, p. 42) trazem o conceito de língua de berço como a primeira língua a ser apreendida e falada pelas crianças no grupo social (família) ao qual pertence.

Para alfabetizar na língua de berço, não basta estar de acordo sobre o alfabeto a ser utilizado. Isto é assim porque nenhuma escrita reflete a fala em suas contínuas transformações. A escrita representa a língua, uma entidade abstrata, potente meio de identificação social. Para passar da fala à língua é preciso um esforço de objetivação que concede estabilidade ao discurso oral, efêmero por natureza. A escrita é, ao mesmo tempo, produto deste esforço de objetivação e a condição que permite a comparação, a discussão, ou seja, atividades propriamente metalinguísticas que, por sua vez, dão lugar a níveis crescentes de reflexão. Isto é certo para os povos e também para a criança em processo de desenvolvimento.

A língua de berço torna-se assim, o porto seguro para quem está em fase de alfabetização e apropriação da língua escrita. Mantoan (2003, p. 12), afirma que:

¹ Rede Municipal de Ensino - REME de Corumbá-MS, soniabays42@gmail.com

² Rede Municipal de Ensino - REME de Corumbá-MS, elisajatobamc@gmail.com

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), marciasambugari@yahoo.com.br

[...] aprender implica ser capaz de expressar, de mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos”. Diante disso, como realizar uma prática de ensino participativo e acolhedor para esses estudantes? Como incluí-los?

Quanto ao conceito de inclusão, a autora assinala que

[...] a inclusão abrange não apenas a educação especial, ela integra práticas que beneficiam todos os grupos, contextos sociais e políticos, as diferenças que existem dentro da escola e mais ainda dentro da sala de aula, resultando em uma mudança de perspectiva educacional, para que todos possam alcançar o sucesso na alfabetização. (Mantoan, 2003, p. 16).

Essa perspectiva trazida pela autora nos remete à reflexão sobre os estudantes das nossas escolas que precisam se adaptar a uma nova língua, uma nova escola, costumes diferentes, etc., e, nesse contexto nem sempre são verdadeiramente acolhidos. Dessa maneira, no presente texto apresentamos o relato de experiência de uma prática de alfabetização ocorrido em 2021, em uma turma de primeiro ano na qual havia um aluno que era assíduo nas aulas, porém estava sempre calado. Nos momentos de oralidade, de reflexão, de participação ficava no seu “cantinho”. Em seu caderno ou livro utilizado em sala tudo estava respondido. Em uma das aulas, a professora estava fazendo uma lista de brinquedos a partir de imagens e como escriba, perguntava para a turma como se chamava aquele brinquedo e logo escrevia no quadro branco. Naquela aula a professora perguntou ao Antônio (nome fictício) como se chamava o desenho da pipa e ele disse *volantin* (espanhol regional da Bolívia). Partindo da resposta, a professora escreveu no quadro branco, trazendo todos os nomes das imagens em português e ao lado em espanhol, ressaltando a riqueza de conhecimentos que cada um traz. A partir daquela atividade Antônio não parava de falar sobre a sua família, sobre as férias para a cidade dos pais na Bolívia. Os colegas que antes o viam com certo estranhamento, aprenderam que somos diferentes e que temos muito a contribuir e aprender uns com os outros. É necessário um olhar atento e sensível a todas as crianças em sala de aula, de modo que todos se sintam incluídos no processo de ensino e de aprendizagem.

Para Ferreiro e Teruggi (2013, p. 44), os desafios para as turmas que possuem estudantes cuja língua de berço não é a língua oficial do país é “[...] transformar a diversidade das línguas de nascimento das crianças em tema de trabalho pedagógico e considerá-la como um dado positivo para a alfabetização inicial”. Fazer os estudantes refletirem sobre a língua falada e a escrita constitui uma riqueza de conhecimento de mundo que não pode ser ignorada nas turmas de alfabetização e precisa ser considerado nas ações de formação continuada dos professores alfabetizadores.

A atuação da professora fez com que o estudante se sentisse acolhido e valorizado, dando visibilidade a ele, entendendo-a como uma prática de inclusão a qual colocou o estudante numa situação de conforto e disposição para aprender. A análise deste relato nos permitiu perceber a necessidade de buscar conhecer as práticas autorais de alfabetização desenvolvidas por professores que atuam em nossa região fronteiriça, bem como conhecer as necessidades formativas para que de fato toda criança aprenda a ler e a escrever.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília, TERUGGI, Lilia. A diversidade de línguas e de escritas: um desafio pedagógico para a alfabetização inicial. // FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa**. Tradução de Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar** - O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

¹ Rede Municipal de Ensino - REME de Corumbá-MS, soniabays42@gmail.com

² Rede Municipal de Ensino - REME de Corumbá-MS, elisajatobamc@gmail.com

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), marciasambugari@yahoo.com.br

